



## CHARGE DA SEMANA



André Pomponet

# O futuro não se parece mais com o que já foi no passado

André Pomponet - 27 de novembro de 2018 | 12h 01

Falta menos de um mês para o Natal. E, pelo jeito, os brasileiros – e feirenses – seguem pouco envolvidos pela celebração do nascimento de Jesus Cristo e nada contaminados pela ânsia consumista que caracteriza o período. Isso, a propósito, já há alguns anos: desde, pelo menos, 2015, quando eclodiu a terrível crise econômica que, até agora, dá poucos sinais de que esteja arrefecendo. Sem dinheiro, é mais difícil render-se ao espírito da fraternidade de mercado, tão comum naquele frenético soluço de prosperidade que arrebatou os brasileiros há alguns anos.

O prolongado engasgo recessivo atirou cerca de 13 milhões de brasileiros no desemprego. Muita gente migrou para a informalidade – com rendimentos menores e mais precariedade – e, por essa razão, está consumindo menos. Isso sem contar aqueles que enfrentam congelamento de salários – como os servidores públicos baianos – ou que, simplesmente, só conseguiram emprego com salários mais baixos.

Tudo isso impacta sobre o consumo interno, ainda mais numa época em que – por excelência – se compra mais. Daí a ausência da ostensiva decoração natalina, dos apelos das propagandas, das previsões otimistas de quem contabiliza os ganhos do comércio, dos serviços e da indústria. Atravessaremos mais um “natal da lembrancinha”, conforme se tornou corriqueiro.

Em 2018, porém, há algo diferente no roteiro: nos anos anteriores projetava-se a retomada do crescimento logo para o ano seguinte; previa-se a geração de milhões de empregos; apostava-se em crescimento do Produto Interno Bruto – o PIB – num ritmo promissor. Nada disso se confirmou, mas pouca gente – além da imprensa – comprava essa pule.

Agora nem essa pule se vende mais: as eleições de outubro sacramentaram a derrocada da “Nova República” – baqueada pelo *impeachment* de Dilma Rousseff (PT) em 2016 – e, com a ascensão da extrema-direita, as incertezas se avolumam, já que as expectativas sobre o futuro, certamente, não são como já foram no passado. Por isso nem mesmo essa cantilena otimista se repete mais.

## Liberalismo?

Uma sufocante agenda moral prevaleceu durante todo o processo eleitoral. Só que uma sociedade precisa de muito mais do que isso para crescer, gerar riquezas, novos postos de trabalho e desenvolvimento. Até aqui, pouco se falou sobre isso, além de se repisar um liberalismo primitivo, quase místico. E alguns sinais preliminares são muito preocupantes.

## COLUNISTAS



César Oliveira

VI Encontro dos Colegas: anos 1972/74

Virgínia Vila Nova e Ros sucesso na Mostra Mor Menos, em Salvador



André Pomponet

O rural feirense, segundo Agropecuário 2017 (III)

O futuro não se parece que já foi no passado

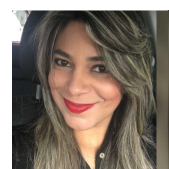


Valdomiro Silva

Vitória praticamente re Bahia quase na Sulame Palmeiras virtual camp

A fria disputa pelo título de foice de seis clubes

degola, na Série A



Emanuela Sampaio

MS Home traz obras de Marquinhos de Sertão cidade

Isaro lança coleção Insi Tropical na próxima qu

## AS MAIS LIDAS HOJE

1



Lula é denunciado pela Lava Jato sob a lavagem de dinheiro

Em poucos dias, quem acompanha o noticiário se espantou com as bordoadas distribuídas na China – maior parceiro econômico brasileiro – na vizinha Argentina, nos demais integrantes do Mercosul e, também, nos países muçulmanos. É grande o fluxo de exportações brasileiras para essas nações. Desavenças só podem acarretar instabilidade e piorar a já grave situação econômica do País.

Os mais otimistas enxergam nisso resquícios do clima eleitoral, da polarização que cindiu a sociedade brasileira. E veem o novo governo, no início do mandato, se ajustando aos imperativos da democracia e do comércio internacional. Tomara que estejam certos. Porque, se estiverem errados...

A economia do Nordeste – incluindo aí a Bahia – foi muito mais afetada pela crise econômica legada pela dupla Dilma Rousseff/Michel Temer. É necessário, portanto, começar a gerar postos de trabalho para que, pelo menos, se retorne num intervalo mais curto àqueles patamares de 2013, quando se vivia sob relativa pujança. Para isso, as bravatas são dispensáveis: é preciso planejamento e ação.

Quem observa a Feira de Santana com atenção percebe como, por aqui, a qualidade de vida das pessoas decaiu desde o início da recessão. Milhares de desempregados, muita gente sem benefícios sociais – cortados sob o emedebismo – e sabe Deus quantos se virando como podem. Para esses, não bastam as bravatas e as polêmicas em redes sociais.

LEIA TAMBÉM

André Pomponet

[O rural feirense, segundo o Censo Agropecuário 2017 \(III\)](#)[O rural feirense, segundo o Censo Agropecuário 2017 \(II\)](#)[O rural feirense, segundo o Censo Agropecuário 2017](#)

- 2 [Regente de fanfarra vítima de acidente: ônibus e carreta morre em hospital de I Santana](#)
- 3 [Vereador pede providências do Governo em relação a Lagoa Grande](#)
- 4 [Renovação de matrículas da rede estadual nesta segunda-feira e segue até 17 de c](#)
- 5 [Receita Federal alerta para golpe da rejeição de dados cadastrais](#)

[INÍCIO](#) [O TRIBUNA](#) [ANUNCIE AQUI](#) [EDIÇÃO IMPRESSA](#) [VOCÊ NO TRIBUNA](#) [FALE CONOSCO](#)[redacao@tribunafeirense.com.br](mailto:redacao@tribunafeirense.com.br)75 3225 7500  
Av senhor dos passos, 407 - Sala 5, centro, Feira de Santana-BA/Jornal Tribuna Feirense  
[@tribunafeirense](#)